

## **O BONDE DO 5ºA, FUNK E “PASSINHO DOS MALOKA”: O CURRÍCULO PÓS-CRÍTICO EM QUATRO ATOS<sup>1</sup>**

Pedro Xavier Russo Bonetto,

Secretaria Municipal de São Paulo (SME-SP); Faculdade Flamingo (FaFla)

### RESUMO

*O texto em questão apresenta uma experiência pedagógica desenvolvida na Educação Física escolar na perspectiva pós-crítica do componente. A tematização se deu a partir do funk e da dança do passinho. Reconhecendo parte da cultura corporal dos estudantes, foram produzidas atividades de vivência das danças, com criação de letras, músicas e vídeos. Por meio de ações de problematização, demonstrou-se que a má fama e a dança com “passinhos” não são novidades.*

*PALAVRAS-CHAVE: Educação Física; Escola; Currículo Cultural.*

### ATO 1: FUNDAMENTAÇÃO

A experiência aqui narrada é parte da experiência curricular realizada durante todo o primeiro semestre de 2018 em uma EMEF da rede municipal de São Paulo. As atividades descritas consideram a escrita curricular promovida com uma classe de quinto ano. Nos anos anteriores, tínhamos tematizado brincadeiras, capoeira e vôlei e por conta disso, estávamos aguardando as primeiras conversas com a turma para propormos a tematização de práticas de ginástica ou de dança. A fundamentação teórica deu-se sob inspiração da teorização pós-crítica do componente, na qual se “valoriza a cultura corporal da comunidade e submete o patrimônio de conhecimentos em circulação a uma análise crítica, denunciando as relações de poder que legitimam determinadas brincadeiras, danças, lutas, ginásticas e esportes em detrimento de outros” (NEIRA, 2019, p. 26).

Nessa concepção, as práticas corporais são compreendidas como elementos da linguagem, mas que não funcionam apenas como expressão ou comunicação. Para tanto, é preciso compreender os artefatos culturais enquanto produções provisórias e arbitrárias.

A Educação Física cultural não compreende as práticas corporais como elementos prontos e estáveis que carecem apenas de apreciação. Ao invés disso, a proposta é que os/as estudantes possam experimentá-las, (re)criá-las,

<sup>1</sup> O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

produzindo múltiplos significados, colocando estas práticas sempre em posição de experimentação e rasura (BONETTO; VIEIRA, 2021, p. 16).

Dessa forma, busca compreender e questionar os discursos que produzem corpos mais eficientes, saudáveis, bonitos, regras certas, gestos melhores, conhecimentos verdadeiros e padrões aceitos. O intuito é potencializar a diferença e com ela os diferentes modos de existência.

## ATO 2: TEMATIZAÇÃO E PROBLEMATIZAÇÃO

Conversando com a turma, percebemos que eles e elas curtiam muito *funk*, mas jamais pensaram que esse poderia ser um tema para as aulas. Percebi que muitos buscavam se vestir como funkeiros/funkeiras, ouviam as músicas no intervalo e diziam que a família deles e delas também escutavam. Nesse momento, sugeriram várias músicas, clipes e vídeos de internet para compreendermos melhor o ritmo. Várias crianças já tinham visto/ouvido um baile perto de onde moram. Compreendendo a proximidade desta prática corporal com o patrimônio corporal da comunidade escolar, bem como a ausência e a quase proibição do ritmo/dança na escola decidimos que poderia ser muito interessante tematizarmos o *funk* durante as aulas.

Reconhecer a cultura corporal da comunidade implica criar condições para que os estudantes se expressem sobre o tema de todas as formas possíveis, o que se defende é que os saberes desdenhados ou tergiversados referentes às práticas corporais e seus participantes recebam a mesma atenção que os conhecimentos hegemônicos (NEIRA, 2019).

Na aula seguinte, os/as estudantes desceram até a quadra como nunca tinham descido. Uma energia incrível! Logo, disponibilizamos uma caixa de som grande e um cabo auxiliar. Assim, os estudantes usavam os próprios celulares, conectavam à caixa e a turma toda ouvia. Assim que a música começava, os alunos e alunas faziam uma roda ou pequenos grupos em torno do pátio e dançavam bastante. Observamos nesse começo, uma prática chamada de batalha, onde um dançarino desafiava os demais a dançar numa roda, semelhante ao que acontece no *breakdance*. Sobre os passos, um aluno disse que existiam alguns, dentre eles: *cruzado, desliza, chapolim, ombrinho, abre e fecha, bate-bate, mole, cruzado com girinho*.



Imagem 1 – Passos Cruzado (esq.), mole (centro) e bate-bate (dir.)



Fonte: Imagem do autor

A maioria das pessoas não conhecia os passos, outros quando viram, disseram que não sabiam apenas os nomes. Nesse dia, ao som de NGKS treinamos os passos indicados pelo colega. Falamos sobre o quadradinho, frevo, *pontinha do pé*, “passinho do romano” e passinho dos “menor da favela”. Conforme os estudantes iam falando das músicas e vídeos que conheciam nós reproduzíamos para a sala. Assistimos vários vídeos, alguns do NGKS e outros grupos de *funk*, também vimos tutoriais ensinando a dançar. Durante a atividade perguntamos para estudantes se as meninas também podiam dançar a dança do passinho. Os estudantes disseram que sim, indicaram um videoclipe no qual tinha mulheres dançando, inclusive, fizeram uma comparação afirmando que em alguns clipes de *funk* ostentação as mulheres ficam quase peladas do lado dos cantores, já nas músicas de “*passinho dos maloka*” elas dançavam “de boa”.

Novamente na quadra da escola, voltamos a dançar *funk* e experimentar os passos. Nesse dia, alguns alunos dos anos finais do ensino fundamental estavam na quadra e quiseram participar das aulas dançando. Assim, formaram uma roda, uma pessoa ficava no meio, dançava e se aproximava de uma outra pessoa. Na frente desta, fazia uma pequena provocação chamando-a para entrar na roda e assim seguia.



Imagem 2 – Alunos e alunas fazendo a batalha de *passinho*



Fonte: Imagem do autor

A atividade foi muito bacana e apesar dos gestos de provocação, todos gostaram muito e comemoravam quando um dançarino fazia movimentos mais difíceis. Nesse dia, logo depois que a aula tinha terminado, alguns alunos vieram fazer umas perguntas:

ALUNO 1: - *Professor, por que você deixa a gente ouvir música com palavrão? Você é o único professor que deixa...*

PROFESSOR: - *Olha, o ideal é que a gente evite. Eles não são adequados, especialmente na escola. Coisa pornográfica e violenta não curto e não deixo não.*

ALUNO 2: - *Mas professor, todo mundo fala palavrão!*

PROFESSOR: - *Você tem razão. Eu inclusive. O palavrão, em alguns contextos, é muito usado. Eu uso também, eu também falo palavrões. Em momentos de felicidade, tristeza, etc. Tem ocasiões que só um bom palavrão, expressa aquilo que a gente está sentindo. Na escola eu evito, mas seria muito hipócrita da minha parte, se chamasse atenção de vocês toda hora que eu ouvisse um. Ele acontece no futebol, no pega-pega, não só no funk. Eu não dou conta de ser fiscal não...*

ALUNO 1: - *Professor o que é hipócrita?*

PROFESSOR: - *Hipócrita é contraditório, aquele que diz uma coisa e faz outra. Uma pessoa que finge, encena.*

ALUNO 2: - *Tipo quem reclama de palavrão, mas fala?*

PROFESSOR: - *Exatamente!*

Sem que esperasse, o tema dos palavrões nas aulas tinha sido conversado. Uma pena que isso aconteceu no fim da aula, para poucos alunos. Por isso, decidimos trazer esse assunto



na aula seguinte. O professor começou perguntando: *Vocês conhecem de onde vem o nome “funk”?* *Onde começou?* *Quem criou esse ritmo e essas danças?* Um dos estudantes acertou, disse que vinha de um estilo de música dos estados unidos da américa (EUA) e que os pais dele gostavam. Nesse momento, o professor reproduziu a música *“I fell good”* do James Brown.

A partir daí o professor disse que esse era um dos primeiros cantores de *funk*, ou um dos que mais fez sucesso. Contamos, a partir de uma das explicações possíveis, que a origem do ritmo e da dança considerava que a palavra *“funk”* ou *“funky”* era usada pelos músicos de diversos ritmos do *black music*, especialmente no *jazz*, como uma forma de pedir aos colegas de banda que pusessem mais *“força”* ou *“pegada”* no compasso das canções<sup>2</sup>. Narramos que o *funk* era considerado uma vertente do *Jazz* ou *Soul music*, e que desde o início as músicas sugeriam assuntos polêmicos, tinham palavrão e mulheres dançando. O exemplo dado foi com a música *“Sex Machine”*<sup>3</sup>, novamente, do James Brown. Contamos que, por isso, também, na época esse estilo de música fazia muito sucesso, mas igualmente ao *funk* que eles conheciam, era muito criticado. Avançando, já para o contexto do Brasil no final década de 70 as casas de *shows* começaram a tocar uma mistura de músicas americanas, com *Soul*, *Rhythm and Blues*, *Melody*, *Groove*, *Rap* e músicas eletrônicas como o *Miami Bass*<sup>4</sup>. Os estudantes reconheceram algumas semelhanças, e o uso de teclado e sintetizadores. Uns disseram que os pais também conhecem o passinho de *funk* antigo (*Melody*) e disseram que até hoje, às vezes, os adultos e pessoas mais velhas dançam passinho em festas e churrascos de família.

Para finalizar essa atividade, na aula seguinte exibimos os bailes de *funk* lado A/lado B. Nesses, os integrantes das equipes faziam um corredor e dançavam brigando. Nenhum dos estudantes conhecia essa forma de baile, ficaram angustiados com as cenas, acharam violento, *“coisa de maluco”*, *“isso não é dança”*, mas entenderam que, de forma geral, as pessoas não se machucavam nesses bailes. Alguns cantaram a música em voz alta e chamaram atenção de toda escola. Nesse dia, ouvimos também Rap do Salgueiro<sup>5</sup> (Claudinho e Bochecha) e Rap da

<sup>2</sup> Alguns estudiosos apontam que poderia ser a fusão entre o vocábulo quibundo *“lu-fuki”* e o inglês *“stinky”*. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/origem-do-funk/#:~:text=Como%20toda%20cria%C3%A7%C3%A3o%20art%C3%ADstica%20fica,faziam%20sucesso%20nos%20Estados%20Unidos>. Acesso: 02/06/2019.

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1UzZUfFUnxY> Acesso: 02/06/2019.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://youtu.be/Vs9QOe5oxvc> Acesso: 02/06/2019.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Bjgs50svt5s> Acesso: 02/06/2019.

Felicidade<sup>6</sup> (MC Cidinho e Doca). Por fim, contamos que demorou para as pessoas de São Paulo começarem a gostar de *funk*. Dissemos que, na televisão, entre os anos de 1990 e o início dos anos 2000, a maioria das músicas e cantores de *funk* eram do Rio de Janeiro. Dissemos que em São Paulo o primeiro estilo que fez mais sucesso foi o *funk* ostentação.

### ATO 3: CRIAÇÃO

Ainda durante essas aulas, percebemos que os estudantes gostavam de aproveitar a “batida” das músicas que estavam tocando e brincavam fazendo rimas provocando uns aos outros. Observando isso, sugerimos que os estudantes fizessem um *funk* nas aulas, com letra e batida, narrando o que estavam aprendendo. A música elaborada pela turma, claramente, indicava algumas coisas que tínhamos conversado nas aulas. A turma do quinto A, como um bonde, nome dado para os grupos de funkeiros/funkeiras, a questão sobre os palavrões e os nomes dos passinhos dos “Malokas” tematizados durante a aula.

*Eae! Olha quem acaba de chegar  
O bonde do quinto A  
Botando tudo pro ar!  
Os hipócritas pagam de vigia  
Ficam observando nós 24 horas por dia  
Os meninos são lokão,  
Eles manjam do passinho  
As meninas são da hora, mandam logo o quadradinho  
Hey hipócritas, respeitem nosso gosto  
Não tem vida pra cuidar  
E ficam só nosso encosto  
**E nois fala palavrão  
Fala mesmo pode pá!  
Agora sai da frente**  
**Que quem passa é o quinto A (REFRÃO)**  
Tem cruzado, abre e fecha,  
Monstrinho e deslizante  
Chapolim e passa por cima,  
Nós já era bom de dança  
Agora é bom de rima.*

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7pD8k2zaLqk> Acesso: 02/06/2019.



#### ATO 4: AVALIAÇÃO

No final do semestre, conversamos sobre o que tínhamos tematizado, o que tínhamos aprendido sobre o *funk* e a dança. Muitos citaram que antes tinham medo ou preconceito de participar das aulas, porque acharam que ia dar problema. Outros disseram aprenderam sobre as questões históricas sobre o *funk* e que ele é um ritmo antigo, que vêm se transformando. Ao trazermos outros modos de vivenciar o *funk*, ou os demais *subestilos*, não deixamos de considerá-los como atualizações dentre todos os *funks*. Sobre os objetivos da experiência curricular, podemos considerar que a maioria dos estudantes terminou o semestre conhecendo mais sobre o tema, sua relação com a cultura local e sobre os processos de produção cultural, bem como sobre as relações estabelecidas, nesse caso, entre a cultura afro norte-americana com a cultura do *funk* no estado do Rio de Janeiro e no Brasil.

### **THE FIFTH “A” CREW, *FUNK* AND “PASSINHO DOS MALOKA”: THE POST-CRITICAL CURRICULUM IN FOUR ACTS**

#### ABSTRACT

*The text in question presents a pedagogical experience developed in school Physical Education in the post-critical perspective of the component. The theme was based on funk and passinho dance. Recognizing part of the students' body culture, dance experience activities were produced, with the creation of lyrics, music and videos. Through problematization actions, it was shown that bad reputation and dancing with “steps” are not new.*

**KEYWORDS:** *Physical Education; School; Cultural Curriculum.*

### **EL 5 A PANDILLA, *FUNK* Y “PASSINHO DOS MALOKA”: EL CURRÍCULO POST-CRÍTICO EN CUATRO ACTOS**

#### RESUMEN

*El texto en cuestión presenta una experiencia pedagógica desarrollada en Educación Física escolar en la perspectiva pos-crítica del componente. El tema se basó en el funk y el “passinho”. Reconociendo parte de la cultura corporal de los estudiantes, se produjeron actividades de experiencia de danza, con la creación de letras, música y videos. A través de acciones de problematización, se demostró que la mala reputación y el baile con “pasos” no son nuevos.*





CONBRACE  
CONICE 2021  
DE 12/09 A 17/12

Educação Física e  
Ciências do Esporte  
no tempo presente:

Defender Vidas,  
Afirmar as Ciências

*PALABRAS CLAVES: Educación Física; Escuela; Plan de estudios cultural.*

## REFERÊNCIAS

BONETTO, P. X. R.; VIEIRA, R. A. G. Aleturgia do currículo cultural na educação física: experiências pedagógicas potencializadoras de subjetividades não-fascistas. **Conexões**, Campinas, SP, v. 19, n. 1, p. e021032, 2021.

NEIRA, Marcos Garcia **Educação física cultural: inspiração e prática pedagógica**. - 1. ed. - Jundiaí [SP]: Paco, 2018.

